ISSN: 2358-8829

VOZES SILENCIOSAS, BRINCARES FALANTES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A ORALIDADE INFANTIL NO PIBID

Gilmaria Cíntia de Oliveira Santa Fé [1]
Milkmone Gonzaga Neto [2]
Rafael Nunes Vieira Araújo [3]
Francielly Falcão da Silva [4]

INTRODUÇÃO

A oralidade constitui uma dimensão fundamental das experiências escolares e das interações sociais na infância. Por meio da linguagem oral, as crianças elaboram sentidos, negociam regras, expressam sentimentos, constroem narrativas e participam de práticas culturais. No cotidiano da Educação Infantil, entretanto, a participação verbal não se manifesta de modo homogêneo: crianças que se comunicam com desenvoltura nas brincadeiras podem permanecer caladas diante de perguntas dirigidas ao grupo ou da solicitação de falar perante os colegas.

A inquietação que motivou este relato surgiu de vivências vinculadas ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em uma instituição pública de Educação Infantil do município de Piranhas, Alagoas, com crianças de 5 e 6 anos. Nas atividades coletivas de oralidade, observaram-se situações de hesitação e retraimento; em contrapartida, nas interações espontâneas e nas brincadeiras, emergiam conversas, enredos e iniciativas comunicativas que nem sempre apareciam nos momentos conduzidos pelo adulto.

Esse contraste suscita a questão que orienta o trabalho: de que maneira o brincar livre e as intervenções lúdicas favorecem a expressão oral de crianças que demonstram resistência a situações formais de fala? O objetivo é analisar, à luz da experiência desenvolvida, como fatores emocionais, sociais e pedagógicos atravessam a participação infantil e de que modo situações de brincadeira podem ampliar as oportunidades de comunicação. Busca-se, ainda, refletir sobre a mediação docente, a organização dos espaços e a importância da escuta sensível.

[1] Graduanda do Curso de Pedagogia do Instituto Federal de alagoas - IFAL, gcosf1@aluno.ifal.edu.br ;
[2] Graduanda do Curso de Pedagogia do Instituto Federal de alagoas - IFAL, mgn1@aluno.ifal.edu.br ;
[3] Graduando do Curso de Pedagogia do Instituto Federal de alagoas - IFAL, rvna1@aluno.ifal.edu.br;
[4] Professora Orientadora: especialista em educação infantil – FACUMINAS, Mestre em educação contemporanea - UFPE, francielly.falcão@ufpe.br ;

Trata-se de um relato de experiência apoiado em abordagem qualitativa, elaborado a partir de observações e atividades lúdicas descritas nos materiais do projeto. A reflexão dialoga com estudos sobre linguagem, afetividade e brincadeira, especialmente Vygotsky (1991), Kishimoto (2011) e Wallon (2007). Os registros apresentados sugerem que o modo de organização das propostas e o grau de exposição pública podem influenciar as manifestações de oralidade, destacando o potencial educativo de contextos mais acolhedores e participativos.

METODOLOGIA

O trabalho assume caráter qualitativo, descritivo e reflexivo, por privilegiar a compreensão das interações infantis no contexto em que ocorrem. As vivências relatadas foram desenvolvidas no âmbito do PIBID, em uma turma de Educação Infantil de uma instituição pública do município de Piranhas, Alagoas. O foco recai sobre a comparação entre situações coletivas de oralidade, como rodas de conversa e contação de histórias, e ocasiões de brincadeira livre ou propostas lúdicas em pequenos grupos.

Conforme os materiais fornecidos para este trabalho, os procedimentos previstos e descritos incluem observação participante, registros em diário de campo digital, padlet, gravações audiovisuais e entrevista semiestruturada com a professora regente. A observação direcionou a atenção a iniciativas de fala, respostas a solicitações do adulto, participação nas narrativas, gestos, interações entre pares e manifestações de retraimento. As atividades com imagens, bonecos e histórias foram tomadas como oportunidades de acompanhar formas distintas de expressão oral.

A organização interpretativa dos registros fundamenta-se nas contribuições da pesquisa qualitativa de Minayo (2010) e de Lüdke e André (1986), tomando a análise de conteúdo de Bardin (2011) como referência metodológica. Para apresentação dos resultados, foram articulados três eixos temáticos: (a) inibição em situações formais de fala; (b) expressão comunicativa nas brincadeiras e propostas lúdicas; e (c) implicações da mediação pedagógica para a escuta da criança. Os materiais disponibilizados não apresentam quantificação de participantes, transcrições integrais nem detalhamento de procedimentos de consentimento, razão pela qual não se produzem índices, frequências ou afirmações de causalidade.

Como a investigação envolve crianças, a utilização de imagens identificáveis, áudios ou registros individuais em eventual submissão ou apresentação pública deve observar as autorizações institucionais e dos responsáveis, bem como os requisitos éticos

aplicáveis. Este texto privilegia descrições gerais das situações pedagógicas, sem identificação das crianças.

REFERENCIAL TEÓRICO

Na perspectiva histórico-cultural, Vygotsky (1991) compreende o desenvolvimento das funções psicológicas superiores em relação com a vida social e com a mediação por signos, entre eles a linguagem. O brincar oferece situações nas quais a criança negocia papéis, atribui significados aos objetos e mobiliza modos de expressão em diálogo com os outros. Por isso, o potencial comunicativo observado nas brincadeiras não deve ser tratado como secundário em relação às atividades formalmente planejadas.

Kishimoto (2011) compreende a brincadeira como prática cultural e educativa que envolve iniciativa infantil, imaginação e aprendizagem de regras. Nesses contextos, a fala pode surgir como necessidade compartilhada: para combinar uma ação, construir uma história ou resolver um conflito durante a atividade. A participação oral se vincula, assim, às condições concretas de interação, e não apenas à capacidade de responder corretamente a perguntas formuladas pelo professor.

Brougère (2010) aborda o brinquedo como objeto cultural, marcado por representações sociais e pelos significados que as crianças constroem ao brincar. Essa perspectiva contribui para interpretar as narrativas e as negociações entre pares observadas nas experiências descritas, reconhecendo a brincadeira como prática de produção e compartilhamento de cultura.

Ao discutir a observação do brincar na Educação Infantil, Friedmann (2012) destaca a relevância de olhar para as manifestações infantis no próprio contexto das interações. Neste relato, essa contribuição reforça a necessidade de observar não somente respostas a perguntas dirigidas pelo adulto, mas também iniciativas de fala, expressões gestuais e formas espontâneas de participação.

No âmbito normativo, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil estabelecem as interações e a brincadeira como eixos norteadores das práticas pedagógicas (Brasil, 2009). Esse princípio sustenta a valorização de experiências em que as crianças possam expressar-se, conviver, imaginar e participar, sem restringir a oralidade a apresentações diante de todo o grupo.

A dimensão afetiva também precisa ser considerada. À luz de Wallon (2007), emoções, relações e desenvolvimento não se constituem em processos independentes. Situações de exposição diante do grupo, cobrança de respostas imediatas ou receio de

errar podem interferir no desejo de participar. Essa interpretação, contudo, não autoriza atribuir diagnósticos ou motivos individuais às crianças sem investigação específica; ela aponta a necessidade de que a prática docente ofereça ambientes emocionalmente seguros.

No campo metodológico, Minayo (2010) e Lüdke e André (1986) ressaltam a importância de compreender os fenômenos educacionais em sua complexidade e contexto. A aproximação entre teoria e observação cotidiana permite interpretar a oralidade como prática situada e relacional. Desse modo, a escuta pedagógica não se limita a contabilizar falas, mas requer atenção às oportunidades efetivamente oferecidas às crianças para se expressarem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das vivências relatadas no âmbito do PIBID permite organizar os achados em três categorias analíticas: (1) retraimento verbal nas atividades coletivas formais; (2) oralidade espontânea no brincar livre; e (3) mediação pedagógica por meio de estratégias lúdicas. Essa organização resulta das situações descritas durante a observação no PIBID, sem atribuição de frequências ou indicadores quantitativos não documentados.

Quadro 1 – Categorias analíticas e síntese dos achados empíricos

Categoria analítica	Achados descritos	Interpretação / limite
Atividades formais	Hesitação e menor participação em perguntas diretas e fala diante do grupo.	A exposição pode influenciar a participação; causa não comprovada.
Brincar livre	Diálogos, narrativas e argumentos espontâneos entre pares.	Amplia oportunidades de expressão em interações significativas.
Mediação lúdica	Imagens, bonecos e contação de histórias em roda.	Diversifica a participação e favorece a escuta infantil.

Fonte: Elaboração dos autores com base nos relatos e registros apresentados nos materiais do PIBID (2026).

Em situações formais, sobretudo quando chamadas individualmente a responder perguntas diretas ou falar diante do grupo, algumas crianças demonstraram hesitação e retraimento. O contraste com a comunicação espontânea observada em outros ambientes sugere que as condições de exposição podem influenciar a participação, mas não permite atribuir o silêncio exclusivamente à timidez, ao medo de errar ou à organização da atividade. A leitura dialoga com Wallon (2007), ao considerar a dimensão afetiva das experiências educativas.

Nas brincadeiras livres, os materiais descrevem diálogos, criação de narrativas e argumentações entre pares. À luz de Vygotsky (1991), a interação social oferece possibilidades de elaboração da linguagem; em Kishimoto (2011) e Brougère (2010), o brincar também se relaciona à produção de sentidos e às práticas culturais da infância. Esses referenciais ajudam a interpretar o brincar como contexto favorável à expressão oral, sem afirmar que toda criança se manifesta da mesma maneira.

As atividades com imagens, bonecos e contação de histórias em roda no chão foram relatadas como oportunidades de participação e construção espontânea de narrativas. Essa observação aproxima-se da valorização da escuta das crianças discutida por Friedmann (2012) e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, que estabelecem as interações e a brincadeira como eixos das práticas pedagógicas (Brasil, 2009). As estratégias lúdicas não eliminam necessariamente a inibição, mas ampliam as formas de participação para além de respostas individuais perante a turma.

Os resultados têm alcance qualitativo e contextual: os materiais disponíveis não apresentam transcrições, contagens de falas ou comparação controlada entre atividades. Por isso, a sistematização não constitui prova de relações causais nem permite generalizações. Sua contribuição é orientar uma reflexão pedagógica fundamentada sobre a escuta infantil e a diversificação dos contextos de comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) possibilitaram refletir sobre as relações entre a oralidade infantil, as práticas pedagógicas e as interações estabelecidas durante o brincar. As situações relatadas indicaram que crianças que demonstravam retraimento verbal em atividades coletivas formais também apresentavam iniciativas comunicativas espontâneas em contextos lúdicos, por meio de diálogos, elaboração de narrativas e interações entre pares. Esses achados sugerem que as condições de participação e a organização das propostas pedagógicas são relevantes para a expressão oral na Educação Infantil.

Nesse contexto, a experiência ressaltou a importância da mediação docente na construção de ambientes acolhedores, que respeitem os diferentes ritmos e modos de expressão das crianças. A utilização de estratégias lúdicas, como contação de histórias, imagens, bonecos e brincadeiras livres, ampliou as possibilidades de participação e valorização da linguagem infantil.

Para a formação inicial docente, as vivências contribuíram para compreender a importância da observação, da escuta sensível e da flexibilização das práticas pedagógicas diante das singularidades infantis. Em razão do caráter qualitativo e contextual do relato, não é possível estabelecer relações causais ou generalizações. Recomenda-se aprofundar os registros das interações em pesquisas futuras. Conclui-se que o brincar, articulado à mediação pedagógica intencional, amplia oportunidades de expressão oral e reconhece a criança como sujeito ativo e produtor de cultura.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF: CNE, 2009.

BROUGÈRE, Gilles. Brinquedo e cultura. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FRIEDMANN, Adriana. O brincar na educação infantil: observação, adequação e inclusão. São Paulo: Moderna, 2012.

KISHIMOTO, T. M. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo: Cortez, 2011.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, M. C. S. (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2010.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WALLON, H. A evolução psicológica da criança. Lisboa: Edições 70, 2007.